A criatura e o bebê



Avaz

A criatura e o bebê

Copyright © Avaz

Capa e ilustrações
Avaz

Revisão
Katia Santos

Avaz
A criatura e o bebê / Avaz - 2010
112 páginas
1. Literatura: romance brasileiro

Todos os direitos desta edição reservados à
.....

A criatura e o bebê



Avaz

Toda e qualquer
forma de vida tem
que ser respeitada.
Ai do homem que
pelas próprias mãos
ousa abreviar o tempo
de uma vida, pois terá
praticado a mais grave
das afrontas a Deus.
Só Ele tem poder
sobre a vida
e a morte.

O homem abraçava a árvore, tendo os punhos amarrados do outro lado. Com a camisa rasgada, aberta nas costas, e as calças arriadas até abaixo das nádegas expostas, tinha o corpo de cima a baixo lanhado pelo açoite de vara do impiedoso algoz.

No chão, ao lado e sentados ombro a ombro, dois homens olhavam amedrontados. Em pé, em frente a eles, um negro forte e um branco magro de cabelos grisalhos sob o chapéu vigiavam com suas espingardas. A seus pés jazia sobre a maca uma bela suçuarana, morta com dois tiros.

A vergasta sibilava no ar e estalava por todo o corpo, com o sangue brotando nos cruzamentos dos lanhos, e a vítima, entre estalos e gemidos, jurava que não ia mais fazer aquilo. Não se ouvia na mata qualquer outro ruído nesse momento; a floresta silenciou. Entre os galhos bem ao alto, o bugio, cauteloso, acabava de se aproximar movido pela curiosidade que lhe suplantara o medo.

Da fronte do algoz descia o suor. Somente depois do braço cansar foi que ele resolveu depor a chibata.

– Se as autoridades não conseguem pegar vocês, eu pego! E arrebento com vocês! – afirmou, revoltado, atirando a vara para um lado.

– O que faremos com a pobre? – indagou o negro, referindo-se à onça.

– Vamos levá-la e dar-lhe uma sepultura decente. Zé, traga as armas deles.

Os três caçadores foram deixados ali mesmo.



Não há quem nunca tenha ouvido falar de Jonas Torres por aquelas paragens. Homem que percorreu a Amazônia desde o rio Solimões, na fronteira com o Peru, até a foz do rio Amazonas.

Trinta e cinco anos, bom nível cultural, belo porte, pele queimada, cabelos negros e lisos, e com um bigode, cujas extremidades descem um pouco além da boca. Não existe parte de seu corpo em que não haja uma cicatriz. A do lado esquerdo da face não sobressai muito. Até lhe dá um certo charme, pelo ofício que exerce. O fato de originar-se de família rica possibilitou-lhe, ainda jovem, sempre que podia, aventurar-se pelo interior do país com uma câmera fotográfica na mão.

Hoje, requisitado por agentes cinematográficos e para documentários de televisão, Jonas, através de sua filmadora, obtém sua realização profissional.

A floresta amazônica sempre foi sua paixão, seu mundo. O convívio com os indígenas, o som e o cheiro da mata, o grito dos animais selvagens, a corrente das águas dos rios e igarapés, o piar e o cantar dos pássaros – do corrupião, do uirapuru, do bem-te-vi, e de dezenas de outros – deixam-no feliz com a vida.

Dividindo-se entre a selva e a civilização, passa um período maior na selva. Tem residência no município de Fonte Boa, às margens do Rio Solimões. Entretanto, es-

tabeleceu seu quartel-general de trabalho num pequeno sítio, localizado no noroeste do Amazonas, a 120 quilômetros da fronteira com a Colômbia, próximo ao igarapé Mutum, que deságua no Japurá, cujas águas vão juntar-se às do Solimões. São terras que não ultrapassam os 200 metros de altitude. Mais ao norte oscila entre 400 e 800 metros.

A maior parte da área do Amazonas é ocupada por um planalto sedimentar de menos de 200 metros de altitude, no qual, acompanhando a calha do Rio Amazonas e de seus maiores afluentes, encontram-se as planícies quaternárias inundáveis, com altitude inferior a 100 metros. Toda a vegetação se desenvolve num clima quente, chuvoso e úmido, com pouquíssimas variações de temperatura. Há duas estações: a invernosa, com muita chuva, e o verão, com menos intensidade pluvial.

Na planície verdejante de uma floresta espessa, Jonas construiu uma razoável casa e uma pista de pouso para seu monomotor. Longe de tudo, o povoado mais próximo é Jandu Cachoeira, distante 17 quilômetros.

A casa tem a altura do piso a um metro e meio do chão, possuindo um andar superior. A varanda, na frente, vai de uma ponta à outra, tendo ao centro a escada, com dois metros de largura e seus nove degraus de tronco de madeira tosca. A sala ocupa a extensão da varanda. No lado esquerdo, uma escada leva ao andar superior, onde se tem acesso, através de um corredor, a dois quartos, dos quais um acompanha a largura da sala, com duas janelas de frente. Na parte de baixo, por um corredor se vai à cozinha e ao banheiro, fazendo este a ligação hidráu-



lica a uma fossa externa. Nos fundos da casa, pegados a ela, existem, ainda, três quartos e dois banheiros, onde moram os três empregados: dois homens e uma mulher. Mais além corre um riacho de águas límpidas.

O sítio possui, também, uma caminhonete e uma lancha, atracada e presa a um pequeno ancoradouro sustentado por estacas de troncos de árvores dentro d'água, recuado na margem e distante 200 metros da casa, à qual se tem acesso através de um caminho arborizado. Um gerador de energia funciona em boa parte da noite proporcionando um pouco mais de comodidade. A eletricidade gerada, entre outras utilidades, os mantém informados e atualizados por meio dos noticiários e programações da televisão.

Casado há três anos, Jonas conhecera a veterinária e clínica geral Maria em suas andanças pela selva, não muito longe dali, precisamente em uma reserva ecológica. Maria é de uma beleza simples, rosto delicado, pele amorenada, cabelos pretos e curtos com leves ondulações, e olhos castanho-claros, cujas pálpebras, cobrindo parte da íris numa aparência quase mortiça, transmitem um quê de sensualidade. Deixou a cidade grande para se dedicar à vida no interior do país. Os animais são a sua paixão. Além de formar-se em veterinária, fez também clínica geral, porque sabia que na selva não só os animais iriam precisar dela, mas também aquela gente isolada, sem acesso a qualquer atendimento médico. Ela, Jonas e um amigo faziam visitas periódicas às tribos indígenas num raio de 200 quilômetros, cuidando das pessoas e levando-lhes remédios. Com uma ou outra tribo, Maria precisava